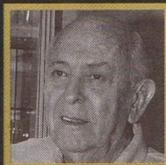


# PIONEIROS

*Histórias de quem fez Brasília*

Neste segundo fascículo da série *Pioneiros — histórias de quem fez Brasília* contamos mais um pouco da vida na capital nos primeiros anos de sua existência. Com a ajuda de cem pioneiros, durante 20 domingos mostraremos o dia-a-dia de dificuldades e paixão que unia os que para cá vieram ajudar na empreitada de trazer para o planalto a capital do país.

Dante  
Nardelli



Frei  
Amadeu



Júlio  
Capilé



Neusa  
França



Yolanda  
Monteiro



## PIONEIROS



Dante Nardelli

# Polícia impunha respeito na Cidade Livre

RAQUEL FLORES GARCIA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Se alguém quiser saber a história do Departamento de Polícia Federal em Brasília, deve sentar-se relaxadamente para ouvir Dante Nardelli, um dos primeiros seis delegados nomeados após o concurso interno do órgão em 1962. Os episódios mais pitorescos, no entanto, apesar de ainda povoarem a memória deste pioneiro, por questões éticas, ele recusa contar. Não quer expor a vida das pessoas envolvidas.

Mineiro de Mar de Espanha, este advogado aposentado, de 81 anos, recebeu a incumbência, do então chefe de Polícia de João Goulart, coronel Carlos Molinari Cairolí, de fundar o Instituto Nacional de Identificação (INI). Na época, o órgão funcionava no atual prédio do Ministério da Agricultura. "Hoje o instituto é dez vezes mais bonito e mais equipado do que naquela época, quando só tínhamos computador na base de cartões perfurados", recorda o fundador.

Para cumprir a importante missão, Dante contou com a vasta experiência de um ex-diretor norte-americano, aposentado do órgão afim do estado de Nova York. Mr. Cashin, ou

Arquivo pessoal



tio Bill, como passou a ser chamado, mais tarde se tornou um amigo pessoal. "Durante o es-

tágio que fiz no FBI, nos Estados Unidos, ele praticamente assumiu a minha família nos

meses em que estive ausente", lembra agradecido.

Mas como um advogado do

COM O AMIGO MR.CASHIN, DANTE OBTVEU AJUDA PARA FUNDAR O INSTITUTO NACIONAL DE IDENTIFICAÇÃO

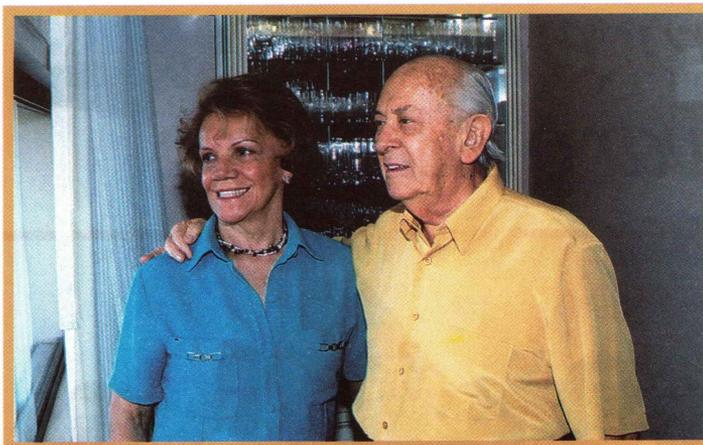
interior de Minas Gerais veio parar no Centro-Oeste sem saber praticamente nada da nova capital do país? Simples: antes de vir para Brasília, ele exercia a advocacia em Belo Horizonte e foi convidado pelo jurista e cunhado Caio Mário da Silva Pereira para secretariá-lo na Consultoria Geral da República, no governo Jânio Quadros. Com a renúncia do presidente, o consultor-geral deixou o cargo e o secretário foi *pescado* para o gabinete do coronel Cairolí, de quem havia ficado amigo graças às frequentes visitas do chefe de polícia à Consultoria.

#### CARGOS DE DIREÇÃO

Do gabinete de Cairolí, uma vez concursado da Polícia Federal, Nardelli assumiu todos os cargos de direção possíveis, desde a Interpol até a Superintendência Regional de Brasília. "Eles me pegavam porque fui um dos primeiros a entrar", atribui com lógica modesta. "Era um serviço difícil, duro, mas me aposentei com honras e glórias", orgulha-se o delegado pioneiro. "Hoje é muito ruim ser polícia, no meu tempo era melhor. Além de respeito pela Força, havia também medo", compara. Para ilustrar, lembra que as eventuais brigas que aconteciam entre os operários

## PIONEIROS

*O advogado mineiro foi um dos seis primeiros delegados da PF nomeados em Brasília depois do concurso de 1962. Foi responsável pela fundação do Instituto Nacional de Identificação*



DANTE E ADELINA CONSTRUÍRAM A VIDA NA CIDADE. AQUI CRIARAM OS CINCO FILHOS E CURTEM OS OITO NETOS

da Cidade Livre costumavam ser imediatamente interrompidas com a chegada dos policiais. Ainda que o efetivo estivesse em número reduzido em proporção à população envolvida nos conflitos.

A aposentadoria, porém, não o fez pendurar as chuteiras. Em 1980, novamente a convite de um amigo, assumiu a direção da filial brasiliense do Sesi (Serviço Especial de Segurança e Vigilância Interna), onde permanece trabalhando, segundo ele, enquanto agüentar. “Já pedi pra sair umas cinco, seis vezes, mas Ricardo (Lois Peralta) não admite”, justifica. Ser convidado para assessorar amigos em negócios, por sinal, parece ter sido sempre uma marca de Nardelli. Exatamente por isso, em 1970, tirou licença de um ano da Polícia Federal e foi ajudar o dono da Solomaq a tocar a antiga loja de departamentos que funcionava próximo ao Santuário Dom Bosco, na W3 Sul.

### PASSEIO PELAS QUADRAS

Foi também “nas setecentas”, como diz Nardelli, que ofereceram a ele a primeira moradia. Oferta declinada, a família fixou residência na 208 Sul — quadra praticamente pronta — “no prédio do Juscelino, onde havia uns apartamentos que foram depois invadidos pelo pai do Collor (ex-presidente Fernando Collor de Mello)”, conta. Dali, pouco tempo depois, mudou-se para a 306 Sul, na época em que os blocos eram conhecidos por números e não por letras. Anos mais tarde, quando Francilino Pereira foi eleito governador de Minas Gerais, o apartamento em que morava, na 206 Sul, mudou de dono. Dante Nardelli e a família foram para lá.

“Brasília naquele tempo era

“**PERDI A CHANCE DE VER UM FATO HISTÓRICO, A INAUGURAÇÃO, PORQUE OS JORNAIS TAPEAVAM MUITO, NÃO GOSTAVAM DE JK**”

muito melhor que hoje, não tinha ladrão, todo mundo se conhecia, era uma cidade pequena. Tinha muito espírito prestativo entre os moradores”, recorda com saudade. “Gostei de Brasília de saída, o espírito de pioneirismo me entusiasmou

muito”, completa. Ainda em clima de saudosismo, o mineiro que veio praticamente às escuras para a capital recém-inaugurada, a bordo de um Chevrolet preto 1947 — o *Juca* —, teve uma ótima primeira impressão. Isso, apesar das notícias nada alvissareiras dos jornais da época. “Diziam que aqui não havia gasolina, água potável, isso assustou muita gente”, lamenta. “Perdi a chance de ver um fato histórico, a inauguração, porque os jornais tapeavam muito, eles não gostavam de JK. E eu, ressalve-se, não era juscelinista. Passei a ser depois que vi Brasília. O homem era sensacional”, lembra o admirador confesso de Carlos Lacerda.

### VIDA SOCIAL

De hábitos caseiros, “homem de viver mais com a família”, e encantado pela mulher Adeline, Nardelli tinha pouca vida social. Contudo, apesar de preferir o aconchego de casa aos agitos da sociedade, não deixou de frequentar os famosos bailes do Brasília Palace Hotel, “aquele que depois pegou

fogo”. Outro programa imperdível era ver aviões chegarem no aeroporto, ainda de madeira. “Era uma festa, todo mundo ia para lá bater papo”, relata.

Por se considerar muito aberto para amizades, garante que não foi difícil fazê-las em Brasília. “Era muito comum as pessoas pararem no meio da rua para tentar ajudar alguém que nem se conhecia”. Uma solidariedade que, com o crescimento da violência, ficou no passado. “Hoje em dia não dá mais para socorrer ninguém”, reconhece.

No entanto, apesar de se ressentir da violência na cidade, Nardelli acha que Brasília ainda é um excelente lugar para se morar. É tranqüila, principalmente se comparada ao Rio de Janeiro e a São Paulo, grandes centros urbanos que conhece bem. “Eu sou apaixonado por Brasília”, declara o avô de oito netos — todos brasilienses — e pai de cinco filhos, dos quais apenas um morando fora. “Daqui só saio para o Campo da Esperança”, diz enfático, para garantir que não trocaria a cidade por nenhuma outra.

## Raio X

### Nome:

Dante Nardelli

### Idade:

81 anos

### Origem:

Mar de Espanha, Minas Gerais

### Profissão:

Advogado e delegado aposentado da Polícia Federal

### Estado civil:

Casado com Adeline

Cinco filhos e oito netos

### Data da chegada a Brasília:

1962

### Títulos:

Fundador do Instituto Nacional de Identificação (INI), veio para Brasília secretarário e então Consultor Geral da República, jurista Caio Mário da Silva Pereira

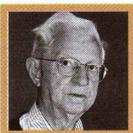
### Trabalho atual:

Diretor da filial brasiliense do Sesi (Serviço Especial de Segurança e Vigilância Interna)

## Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavicatti, Raquel Flores Garcia e Stela Maris Zica Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense. Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



Frei Amadeu

# Fé e coragem para desbravar o Planalto

Arquivo pessoal



STELA MARIS ZICA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Fé, esperança e muita religiosidade. O alvorecer da nova capital aos domingos era regido pela sinfonia da Ave-Maria e pelas preces dos operários. A Igrejinha, na 307/308 Sul, era o local onde os primeiros moradores se reuniam para, através de orações, pedir trabalho e proteção espiritual para suas famílias, que moravam em outros estados.

Realizada por Frei Amadeu Antônio Semin, recém-chegado de Caxias do Sul, em 1960, a celebração atraía fiéis de todo o Plano Piloto, tanto de manhã como à noite. A Igrejinha, também conhecida como Igreja Nossa Senhora de Fátima, era muito pequena, com capacidade para aproximadamente 50 pessoas, por isso, as celebrações eram sempre realizadas do lado de fora. "A praça da Igreja ficava sempre cheia", conta satisfeito o capuchinho de 83 anos.

"A missa era anunciada pelo alto-falante colocado nas costas do Frei Demétrio D'Encantado, um dos primeiros sacerdotes da Igrejinha", construída sob os votos religiosos de Sara e Juscelino Kubitschek, como promessa de cura para filha Márcia, que se encontrava com sérios problemas de saúde. "Demétrio passava de moto pelas entrequadradas anunciando a programação daquele dia na igreja. Ele era sempre bem disposto e muito divertido", recorda o colega de batina.

## SOB A BENÇÃO DO PAPA

Inaugurada em 28 de junho de 1958, na presença do presidente Juscelino Kubitschek e sob as bênçãos do Papa Pio XII, as palavras de Sua Santidade ainda ecoavam nos arredores do templo religioso, quando Frei Amadeu chegou: "A Igreja de Nossa Senhora de Fátima de Brasília será um

centro irradiador de intensa fé cristã", anunciava.

Um ano depois da inauguração da nova capital, Frei Amadeu realizava na Igrejinha o batizado mais importante de sua vida. O da cidadã número um de Brasília, registrada na primeira folha do livro número um do Registro Civil da cidade. Jussara Maria de Oli-

veira Santos foi assim chamada em homenagem a Juscelino, então senador, e a sua mulher Sara. Convidado pelos pais da menina, para ser o padrinho, JK aceitou o convite. "Juscelino era uma pessoa simples, bastante religiosa e um frequentador assíduo da Igrejinha", afirma emocionado o frei. "Foi ele que conseguiu a

ALÉM DOS BATIZADOS E CASAMENTOS, FREI AMADEU FOI RESPONSÁVEL PELA PRIMEIRA COMUNHÃO DE MUITAS CRIANÇAS PIONEIRAS

## PIONEIROS

*Um ano depois da inauguração da capital, Frei Amadeu fez o batizado mais importante de sua vida: o da primeira brasileira registrada na cidade, Jussara Maria de Oliveira Santos*

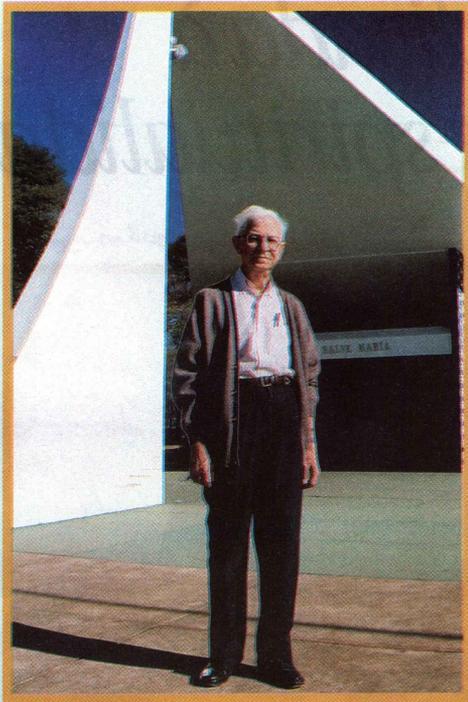
**MESMO APOSENTADO, FREI AMADEU DEDICA SEU TEMPO ÀS ATIVIDADES ECLESIASTICAS E ÀS ORAÇÕES**

licença para transmitir a missa da Igreja pela Rádio Nacional". Nas horas de folga da recém inaugurada capital, frei Amadeu ainda comandava várias atividades eclesísticas e outros trabalhos sociais como os do *Candangos de Fátima*. Mais tarde denominado de Associação Comunitária do Brasil Central, que tinha como objetivo acolher os candangos provisoriamente até que eles encontrassem trabalho. Vindos principalmente do Nordeste, os candangos se alojavam em um salão e ali se alimentavam, dormiam e durante o dia saíam em busca de uma ocupação.

### TRISTEZA NA CHEGADA

Emocionado, o capuchinho recorda com tristeza um fato que marcou sua chegada em Brasília em maio de 1960: o do choro insistente de uma recém-nascida abandonada pelos pais e encontrada atrás da sacristia. "A criança havia sido colocada detrás de um móvel, sobre o assoalho e tinha os olhos inchados de tanto chorar", conta sem entender o porquê do abandono da criança. O choro só cessou quando a criança foi tomada nos braços por uma senhora que ali passava e que se ofereceu para adotá-la.

A força de vontade do religioso e o desejo de levar a palavra de Deus à nova capital eram maior e superavam todas as dificuldades naquela época. Os casamentos eram realizados em série, mesmo com o descontentamento dos noivos. Como não havia padres em número suficiente e nem horários disponíveis, frei Amadeu se desdobrava para atender aos pedidos dos fiéis em palestras, casamentos e as dezenas de batizados.



"O vinho para a celebração da eucaristia vinha de Goiânia e levava dias para chegar, devido às condições das estradas". Por esta mesma estrada, todos os domingos, antes da chegada de frei Amadeu, vinha o padre Primo, de moto, celebrar as missas para os construtores da cidade. "O transporte também era muito difícil, os remédios, a falta de recursos para o tratamento de doenças. Muitas crianças e operários morriam de fome ou de uma simples gripe", acrescenta.

A bondade e a generosidade do frei em ajudar os mais carentes atravessava os limites da Igreja. Muitas vezes ele se deslocava até o único cemitério da cidade, hoje o Campo da Esperança, onde eram enterrados operários, bem como as pessoas mais importantes da cidade, pa-

ra levar a oração e o conforto aos familiares. "As pessoas carentes eram enroladas em um pano branco e enterradas em uma vala aberta. Como as urnas eram escassas e caras, apenas as pessoas de maiores recursos podiam utilizá-las", lembra.

### NOVA IGREJA

A mesma fé que movia os candangos também erguia novos templos, como o Santuário de Fátima, que Frei Amadeu ajudou a levantar em 1965 com os recursos arrecadados pelos próprios paroquianos. Eles promoviam festas e outros eventos na igreja para angariar fundos. Frei Amadeu pediu ao engenheiro austríaco, Giula Schirab, que fizesse a planta e dez anos depois era inaugurada a nova igreja, localizada na 906 Sul. Para a alegria do pároco e dos fiéis, o gover-

“  
A MISSA ERA ANUNCIADA POR UM ALTO-FALANTE COLOCADO NAS COSTAS DO FREI DEMÉTRIO D'ENCANTADO, UM DOS PRIMEIROS SACERDOTES DA IGREJINHA”

no português resolveu presentear o novo templo com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima de mais de dois metros de altura.

Hoje, mesmo aposentado, Frei Amadeu dedica todo o seu tempo às atividades eclesísticas e às orações. Ele, que batizou os primeiros candangos, hoje se emociona ao ser reconhecido e lembrado durante as celebrações de batismo e nas cerimônias de casamento da nova geração.

Com uma vida inteira dedicada à batina, desde o tempo em que as missas eram realizadas de costas e em latim, este poliglota hoje declara com todas as letras o seu amor pelos candangos e pela capital "A hospitalidade e fé dos paroquianos e do povo amigo me surpreendem". Fé e receptividade que ele mesmo semeia há 43 anos.

## Raio X

**Nome:** Amadeu Antônio Semin  
**Idade:** 83 anos  
**Origem:** Caxias do Sul, Rio Grande do Sul  
**Ordenado:** em 1943 (Garibaldi-RS)  
**Ano de chegada a Brasília:** 1960  
**Profissão:** Sacerdote  
**Paí:** João Semin  
**Mãe:** Vitória  
**Irmãos:** Primo, Valdemar, Adelina, Madalena, Joana e Armando, Germano e Otone



Júlio Capilé

Funcionário do Palácio do Catete, o médico Júlio Capilé chegou a Brasília em 1º de abril de 1960. Aqui montou o primeiro consultório

# Uma vida dedicada à medicina e à espiritualidade

STELA MARIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

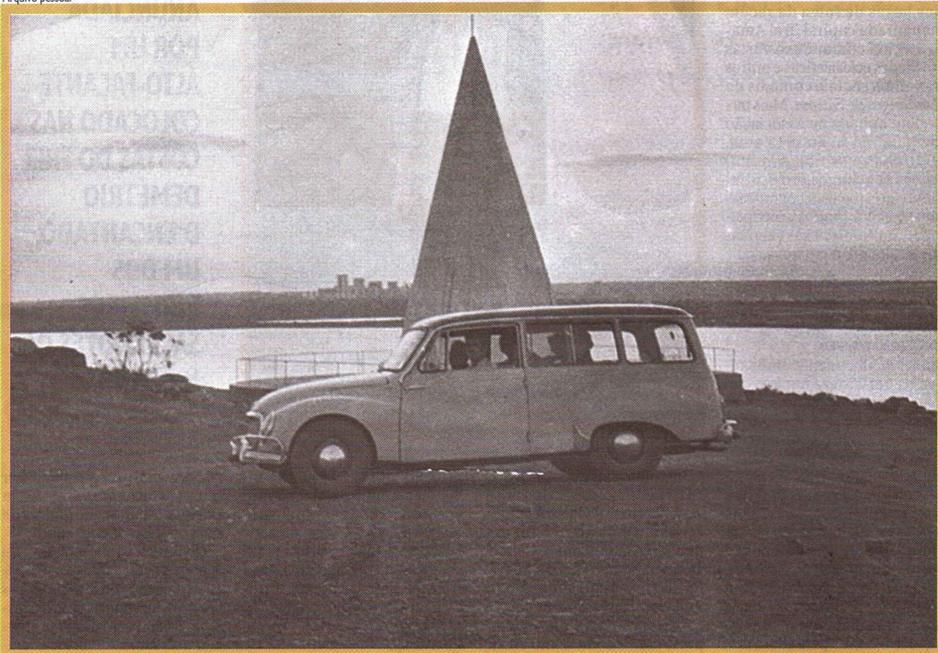
“Vim, vi e gostei”. A frase do imperador Júlio César ao atravessar o rio Rubicão, exprime com exatidão o significado da mudança do médico Júlio Capilé para Brasília, em abril de 1960.

Na *Cidade Maravilhosa*, onde cursou a Medicina, sempre ouvia críticas dos colegas e as declarações bombásticas do jornalista Carlos Lacerda sobre a nova capital: “Brasília não tem luz” ou “Brasília não tem água”. Mas nada disso o fazia desistir de conhecer a cidade que um dia seria o mais importante centro político do país. Sempre indiferente às críticas, o então funcionário do Palácio do Catete foi transferido, juntamente com os demais funcionários públicos, para Brasília.

Determinado, no dia 15 de abril do ano da inauguração da nova capital, Capilé — primeiro médico a abrir um consultório em Brasília — pousava em pleno cerrado, a bordo de um quadrimotor da Navegação Aérea Brasileira (NAB). Ele vinha acompanhado da mulher Laís Dias Capilé, grávida de cinco meses, e da filha Betânia, de dois anos.

Em menos de três meses, o médico já era conhecido por todos por sua dedicação e competência.

Arquivo pessoal



Sempre pronto para atender os pacientes, Julio Capilé não via nenhuma dificuldade para chegar até eles. “Me lembro quando um vigia bateu à minha porta, às 3h de uma madrugada gelada, para eu ir até sua casa fazer o parto de sua esposa”. Morador da 106 Sul, Capilé pegou a lambreta do vizinho e, com o vigia na garupa, seguiu em direção à península do Congresso. “Atravessamos o lago

de barco e fiz o parto da senhora”, recorda com a satisfação de dever cumprido. Os primeiros raios do dia traziam consigo uma nova vida pelas mãos deste médico.

O amor pela profissão e a solidariedade do pioneiro fizeram com que ele abrisse novas portas para os colegas, alugando cinco salas para servir de laboratório na então quadra 9 da W3, hoje a 509 Sul.

O grande número de consultas e o ritmo estafante dos hospitais não desanimaram esse pioneiro, que chegava a atender, no mesmo dia, ministros, deputados, funcionários do Tribunal de Contas da União. Personalidades importantes como as filhas de Juscelino Kubitschek, Márcia — a “minha menina” como Capilé a chamava — e Maria Estela. Além do presidente João

COM A FAMÍLIA, CAPILÉ DESBRAVAVA A EMPOEIRADA BRASÍLIA, QUANDO POUCA COISA EXISTIA NO LAGO SUL ALÉM DA ERMIDA DOM BOSCO

médico Júlio Capilé foi transferido do Rio de Janeiro para Brasília, em  
ro consultório da cidade e abriu caminho para chegada de novos colegas

**CASADOS HÁ CINQUENTA ANOS,  
CAPILÉ E LAÍS FESTEJAM OS  
BONS MOMENTOS QUE PASSAM  
JUNTOS EM BRASÍLIA**

Arquivo pessoal

Goulart, sua mulher Maria Tereza, e seus filhos João Vicente e Denise. Leonel Brizola também está entre os clientes ilustres. "Ele era nervoso e sempre tinha pressa para consertar o Brasil", lembra Capilé.

Descaspo mesmo, só às sextas-feiras depois do meio-dia, quando todos voltavam para o Rio de Janeiro e outras cidades para rever os familiares, fenômeno conhecido na época como *revoadas*. O presidente Juscelino colocava aviões à disposição para levar os funcionários para suas cidades de origem para passarem o final de semana. Na segunda-feira, todos retornavam à capital.

#### AMIZADES DO PLANALTO

As amizades iam além do consultório e um bom chimirão na casa dos amigos mais íntimos esquentava as noites frias e animava as rodas de bate-papo. O ex-militar e radiotelegrafista sempre fez do trabalho e das pequenas coisas, grandes momentos de alegria e motivos de sobra para celebrar a vida. Foi com amor e prazer que ele cultivou grandes amizades por aqui e acabou por conquistar, merecidamente, anos depois o título de Cidadão Honorário de Brasília.

O antigo restaurante Chez Ville, localizado na 507 Sul, era o endereço certo para certas ocasiões como a comemoração dos três anos de morte de uma onça, encontrada no local. "As ruas de Brasília, naquela época, serviam de passagem também para lobos-guarás, emas, veados e cobras", relembra com naturalidade.

O mesmo restaurante também era o ponto de encontro dos amigos deputados Almino Afonso, Rondon Pacheco, Afonso Celso Ribeiro de Castro e o então prefeito de Brasília, Ivo Magalhães. A amizade, a grande influência do médico e seu profissionalismo levaram o prefeito a convidá-lo para ser o futuro Secretário de Saúde. "Vocês têm confiança de que sou um bom médico, quando na verdade precisaria ser um bom administrador", advertiu por acreditar que para ocupar o cargo não era preciso ser médico, mas um administrador. O convite foi recusado.

Bastante requisitado, Julio Capilé recebeu convite para trabalhar em países como Austrália e Tailândia mas o amor pela nova capital e pelos moradores era maior que qualquer outra promessa de trabalho, por mais interessante que fosse. A esposa Laís, envolvida com os trabalhos sociais e designada presidente do Comitê Internacional da Cruz



“  
**AS RUAS DE  
BRASÍLIA,  
NAQUELA ÉPOCA,  
SERVIAM DE  
PASSAGEM  
TAMBÉM PARA  
LOBOS-GUARÁS,  
EMAS, VEADOS E  
COBRAS**  
”

Vermelha também recusou trabalho no exterior por pena de deixar Brasília.

Nascido e criado em Mato Grosso do Sul, o convívio com tribos indígenas lhe garantiu a fluência no guarani e desperiu no médico a busca incessante pela compreensão da vida espiritual. Além do guarani, o novo cangango também fala o esperanto.

Aposentado, Julio Capilé, hoje com 85 anos, divide seu tempo entre a maçonaria, a universidade — Upis, onde ele e a esposa trabalham como conselheiros, e as várias palestras que realiza pelo país sobre filosofia, ciência e religião.

Há 43 anos residindo em Brasília, seu coração bate forte quando cruza as entrequadras. Para ele, Brasília é uma cidade maravilhosa para se viver. Mesmo longe do charme da eterna Copacabana ou das majestosas curvas do Rio, "Brasília é minha vida", declara.

## Raio X

**Nome:**  
Júlio Capilé  
**Idade:**  
85 anos  
**Origem:**  
Dourados, Mato Grosso do Sul  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1960  
**Profissão:**  
médico  
**Esposa:**  
Laís Dias Capilé  
**Filhas:**  
Betânia e Betsaida  
**Netos:**  
Fabiana, Fernanda, Pedro e Júlia

## PIONEIROS



Neusa França

# Paixão pela música e pelo céu de Brasília

Arquivo pessoal

RAQUEL FLORES GARCIA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quem olha para as mãos de Neusa Pinho França de Almeida — ou simplesmente Neusa França, como ela assina suas composições — nem imagina o sério risco que ela correu de nunca mais poder tocar piano. Já em Brasília, teve o dedo anelar da mão direita gravemente fraturado e foi desenganada pelo médico que a atendeu. “Tomara que a senhora não seja pianista, porque se for, não vai mais conseguir tocar”, diagnosticou o jovem residente que estava de plantão. Mas Neusa não se deu por vencida. Passou por uma operação, levou nove pontos e fez fisioterapia, sem deixar de dar aulas de piano. “Era uma mão tocando e a outra na bacia. Se era para fazer o exercício duas vezes ao dia, eu fazia três, quatro, cinco, para ficar boa logo”, ensina a musicista, que ainda tem um fio de nylon no interior do dedo.

Sorte de Brasília que o acidente não incapacitou Neusa França, um nome intimamente ligado à cidade, antes mesmo da inauguração. No final de 1958, por sugestão da amiga Julimar Nunes Leal, a pioneira — ainda moradora do Rio de Janeiro — compôs o Hino Oficial de Brasília. “Desde 1957 havia uma marcha sendo tocada nas escolas, mas não era um hino”, explica a multitalentosa professora, pianista, compositora, arranjadora, regente de coral e, de quebra, autora do livro *Piano em Pauta*.



A vinda para Brasília — “quando isso aqui era lama e poeira e não tinha nada” — em 1959, faz com que Neusa seja pura emoção ao falar da cidade. “Pra mim, ela é como um filhinho que a gente vê nascer, ir para a escola, se formar, fazer mestrado, doutorado. Brasília agora é doutora”, exulta a professora. “Brasília é como se fosse da minha família, do meu sangue”, declara sem conseguir conter as lágrimas. Um sentimento, no entanto, que não foi compartilhado pelos filhos na época da mudança. “Eles sofreram muito, choraram, não queriam vir, até porque se dizia que aqui havia muitas cobras”, lembra a avó de cinco netos, bisavó de uma garotinha que

a chama de *bisa* e mãe de Magda, Leonardo — único que mora em Brasília — e Denise Bandeira (sim, ela mesmo, a atriz).

#### MUDANÇA DIFÍCIL

Sair do Rio de Janeiro para acompanhar o marido, mais precisamente de um apartamento de quatro quartos em plena Avenida Visconde de Pirajá, no bairro de Ipanema, não foi uma coisa fácil. Mas, certamente, foi recompensada. Hoje, Neusa mora em um apartamento de dimensões e localização que não podem ser em nada para “aquela maravilha”. Não sem antes ter morado em um JK (Janela e Kit-chenette), nas quadras quatrocentos, e em “uma casinha de boneca”

— de tão pequena — nos conjuntos geminados no final da W3 Sul. A casa mal dava para acomodar os dois pianos que a professora já possuía. Fazer compras, em um tempo em que não havia supermercado, era apenas uma vez por semana, na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. “Era tudo improvisado”, lembra Neusa.

Tanto sacrifício não impediu que ela se apaixonasse pela cidade e que hoje seja categórica ao afirmar que seu lugar é em Brasília, mesmo após a morte do marido. “Me sinto tão agregada a este chão, a este inconfundível crepúsculo e a esta arquitetura fantástica de Oscar Niemeyer, que não poderia jamais me afastar daqui para viver

**NA BRASÍLIA DOS PRIMEIROS ANOS, AS REUNIÕES NA CASA DE AMIGOS ERAM UMA CONSTANTE NA VIDA DE NEUSA (SEGUNDA À DIREITA)**

sob outro céu”, discursou por ocasião da entrega do título de Cidadã Honorária de Brasília, em 1997.

Para ela, tanto o Rio de Janeiro quanto São Paulo, cidades onde moram as duas filhas e para onde poderia eventualmente se mudar, têm movimento demais. Mas essa não é a única razão por que Neusa não troca Brasília por outro lugar. “Aqui todos me querem

## PIONEIROS

*Brasília faz parte da vida da pianista Neusa França desde antes da inauguração. Em 1958, ainda morando no Rio de Janeiro, compôs o hino oficial da cidade*

bem, sete alunos meus já tocaram com orquestras, como vou sair daqui?”, diz a resoluta viúva do procurador federal Oswaldo França, amigo do então chefe de gabinete da Casa Civil de Jânio Quadros, Victor Nunes Leal.

Autora também do hino do Caseb, um dos primeiros colégios de Brasília e onde dava aula em tempo integral, Neusa conta que, ao chegar na capital, na época da chamada lacerdinha — “uma poeira que subia e fazia uma comucópla” — era comum as pessoas pedirem e darem carona na W3 e se convidarem para tomar café umas nas casas das outras. Por sinal foi assim que muitas amizades nasceram e que ela conheceu, por exemplo, o pai do deputado Sigma-tinga Seixas.

“Naquela época não havia assalto, não se falava em droga e não se via gente bêbada”, lembra a pioneira. Nos fins de semana, como não havia muito o que ver na empoeirada Brasília, a família França passeava em cidades próximas, como Goiânia e Cristalina.

Dona de um curriculum invejável — aposentada como professora de piano da Escola de Música do GDF e como pianista da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, condecorada com a medalha Juscelino Kubitschek como uma das fundadoras da Academia de Letras e Música do Brasil (da qual é presidente emérita), assessora do maestro Cláudio Santoro (cujo enfarte fatal presenciou durante ensaio na sala Villa-Lobos), assistente da mestra Magda Tagliaferro — Neusa não pára. “Na casa dos 80” — diz, sem revelar a idade — além das aulas particulares de piano, organiza anualmente dois festivais de música que en-



ALÉM DE AUTORA DO HINO DE BRASÍLIA, NEUSA COMPÔS TAMBÉM O HINO DE CASEB

taram para o calendário oficial de eventos culturais da cidade.

#### HINO DA CIDADE

Com tanto para se orgulhar, a pioneira é incansável em divulgar uma de suas principais obras, o hino da cidade. Com letra do poeta e escritor Geir Campos, o hino composto por Neusa no final de 1958 foi oficializado somente dois anos depois, por decreto presidencial. A inspiração dos primeiros versos melódicos surgiu dentro de um ônibus, quando ainda morava em Niterói, no Rio de Janeiro. Chegando em casa, a jovem e já experiente professora de piano tratou de escrever logo as frases musicais antes que elas fugissem da memória. Como já havia lido alguns poemas de Geir, pediu a ele que fizesse a letra. Foi assim que, às dez horas da manhã do dia seguinte a um jantar, em que gra-

varam uma fita cassete com a melodia do hino, o autor ligou para Neusa e disse: “Está pronto”.

Música e letra perfeitamente casadas, nasceu o que a compositora pretendia desde o princípio: um hino curto, simples de ser cantado, de fácil apreensão, com características marciais e uma segunda parte de ritmo sincopado, muito comum nas composições brasileiras.

#### ESCOLHA UNÂNIME

Uma vez finalizado, para se tornar o hino oficial da cidade, faltava apenas passar pelos trâmites legais de um concurso, que acabou não precisando ser realizado. É que, por determinação e urgência do ministro da Educação da época, Brígido Tinoco, optou-se por submetê-lo à apreciação de uma Comissão Julgadora composta por sete expressivos compositores e maestros. Entre eles, nomes como Francisco Mignone e Eleazar de Carvalho. “O ministro determinou que, se houvesse unanimidade, não precisaria fazer o concurso”, recorda Neusa. Dito e feito. Aprovada unanimemente, Brasília ganhou finalmente um hino, apresentado pela primeira vez, antes da oficialização, na inauguração do colégio Caseb, em maio de 1960, na presença do presidente JK.

Em 1998, sob patrocínio da Câmara Legislativa do Distrito Federal, durante a presidência da deputada Lúcia Carvalho, o hino foi gravado no formato CD e distribuído nas escolas, clubes e cidades-satélites. Posteriormente, uma segunda tiragem pôde ser viabilizada graças ao Fundo da Arte e da Cultura (FAC) da Secretaria de Estado de Cultura do DF, na gestão de Maria Luiza Dornas.

## Raio X

**Nome:** Neusa França  
**Idade:** “na casa dos 80”  
**Origem:** Campos, Rio de Janeiro  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Estado civil:** Viúva de Oswaldo França  
**Profissão:** Pianista, professora de Música, compositora, arranjadora, regente de coros, escritora  
**Filhos:** Magda, Leonardo e Denise  
**Títulos:** Cidadã Honorária de Brasília, co-fundadora e presidente emérita da Academia de Letras e Música do Brasil, autora do hino do Caseb e do Hino Oficial de Brasília, com letra do poeta Geir Campos

“**BRASÍLIA PARA MIM É COMO UM FILHINHO. A GENTE VÊ NASCER, IR PARA A ESCOLA, SE FORMAR, FAZER MESTRADO, DOUTORADO**”

## PIONEIROS



Yolanda Monteiro

# Simplicidade do cotidiano conquista a família

BIANCA CHIAVICATTI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Yolanda Maria da Silveira Monteiro é uma mulher vaidosa. Aos 77 anos de idade, não sai de casa se não estiver elegante e arrumada. Baiana, de Salvador, pertence a uma época em que — não importava a ocasião e o lugar — uma mulher devia sempre encantar a todos por onde passasse. Quando questionada sobre sua relação com Brasília, deixa claro o amor pela cidade que viu crescer e faz questão de ressaltar a saudade que sente dos primeiros dez anos de vida da nova capital.

“Nunca imaginei que a cidade crescesse tanto e as pessoas perdessem o contato próximo que tinham umas com as outras”, reclama nostálgica. Para Yolanda, a Brasília que ganha ares de metrópole perdeu o que tinha de melhor: “A cidade era uma grande família, todos que estavam aqui se conheciam e se ajudavam”, diz. “Se uma mãe viajava, a outra tomava conta dos filhos e se tinha algum aniversário de 15 anos, por exemplo, todas as famílias se envolviam com os preparativos”, recorda-se.

Não é à toa que o espírito de solidariedade entre as pessoas

Arquivo pessoal



nos primeiros anos da cidade seja a principal qualidade citada por Yolanda. Desde a juventude envolvida em trabalhos de caridade, grande parte da história de vida dessa baiana pode ser contada pela história da primeira instituição de assistência social do Distrito Federal — a Casa do Candango.

Acompanhada do marido, Francisco Monteiro Filho, Yolanda chegou a Brasília no ano de sua inauguração, 1960. Antes, morava no Rio de Janeiro. Sua mudança para a nova capital federal se deu em cumprimento à

obrigação profissional do marido, que na oportunidade era oficial de gabinete do presidente Juscelino Kubitschek.

#### PRIMEIRA IMPRESSÃO

O primeiro contato com a cidade, entretanto, deu-se dias antes da mudança de fato. Em companhia de Aloísio Alves e Sílvio Pedrosa, Yolanda participou do lançamento da pedra fundamental do late Clube, que meses depois funcionaria, em um galpão de madeira, até ganhar a forma com a qual hoje é conhecido.

A primeira impressão da cidade foi inacabada no meio do Cerrado foi péssima. A arquitetura inovadora chamava a atenção, mas a poeira e os espaços em obras ainda por terminar incomodavam, admite. Mas o cotidiano simples e as peculiaridades de uma cidade planejada em construção, rapidamente conquistaram a jovem que aqui chegava com quatro filhos em idade escolar.

O primeiro apartamento em que morou com a família ficava na 105 Sul. Apenas dois blocos estavam construídos e a quadra acima, a 305 Sul, praticamente

NA CASA DO CANDANGO, QUE AJUDOU A FUNDAR E PRESIDIU DURANTE DEZ ANOS, YOLANDA (D) ERA RESPONSÁVEL PELO DEPARTAMENTO QUE CUIDAVA DA PRIMEIRA INFÂNCIA

## PIONEIROS

*Yolanda aproveitou a experiência adquirida no Rio de Janeiro para, ao lado de um grupo de 12 senhoras, capitaneadas por dom José Newton Almeida Batista, fundar a Casa do Candango*

não existia. "Havia ali um acampamento do Ipasi onde todas as famílias recém-chegadas podiam fazer as refeições durante um mês, até se instalarem por completo", conta.

O Plano Piloto não se parecia nem de longe com o centro comercial que se tornou. Poucas lojas funcionavam aqui. Em toda a Asa Sul, Yolanda se lembra de existir apenas um estabelecimento, na 108 Sul, onde as mulheres podiam comprar roupas no padrão exigido pelas solenidades da capital federal. "O figurino da sociedade era muito requintado na época", afirma.

Os produtos de primeira necessidade eram adquiridos na Cidade Livre, onde todos que aqui estavam frequentavam pelo menos uma vez por semana. No Plano Piloto, existiam os mercados da SAB, mas tudo era mais barato no local que hoje é chamado de Núcleo Bandeirante.

Antes de mudar-se para Brasília, Yolanda ajudava o arcebispo dom Helder Câmara a organizar eventos no Rio de Janeiro para arrecadar fundos para projetos de caridade. A experiência com o trabalho voluntário continuou a ser vivida no Planalto Central.

Sensibilizado com as necessidades dos trabalhadores que viviam em Brasília durante sua construção, um grupo de 13 senhoras, liderado por dom José Newton de Almeida Batista, deu início à busca de recursos para fundar a Casa do Candango. A entidade prestaria serviços de assistência social, como consultas médicas, odontológicas e creche às famílias com menor poder aquisitivo e que enfrentavam o cotidiano difícil da capital federal.



**NESTES 43 ANOS DE BRASÍLIA, A FAMÍLIA CRESCEU. AO TODO SÃO QUATRO FILHOS, ONZE NETOS E DUAS BISNETAS**

O primeiros trabalhos da Casa do Candango, em 1960, foram desenvolvidos em duas salas de um prédio localizado na entrequadra 505/506 Sul. Yolanda era diretora do departamento que cuidava da primeira infância. A primeira creche da instituição foi montada num galpão de material de construção, na 108 Sul, cedido pela Novacap.

#### FESTA DOS ESTADOS

Após um ano de atividades, frente à dificuldade de conseguir ajuda financeira que mantivesse os trabalhos que desenvolviam, o grupo de assistentes optou por captar recursos de outra forma. Em 1961, então, na superquadra em que Yolanda morava, a 105 Sul, foi realizada a primeira Festa dos Estados.

O evento que hoje é a principal fonte de renda da Casa do Candango, atraindo 100 mil pessoas todos os anos, nasceu pequeno, em forma de quermesse. "Cada uma de nós fazia, em casa, os pratos típicos de nossos estados", conta. "Minha casa, como a de todas as outras companheiras, vira

“**A CIDADE ERA UMA GRANDE FAMÍLIA, TODOS QUE ESTAVAM AQUI SE CONHECIAM E SE AJUDAVAM**”

va uma grande cozinha e quem nos visitasse era obrigado a ajudar em alguma coisa", diverte-se. Ao mesmo tempo em que a festa anual crescia, os trabalhos da Casa do Candango ganhavam credibilidade e reconhecimento. No ano de 1962, o prefeito de Brasília na época, Paulo de Tarso, presenteou a entidade com um terreno na L2 Sul/610, onde até

hoje a instituição está localizada. A avenida era apenas um traçado no meio do nada, nem o meio fio estava construído. "Ficamos apreensivas com o isolamento do local e também porque ali se formavam grandes redemoinhos de terra", diz Yolanda. "Além disso, nunca imaginamos que a L2 fosse se tornar uma avenida tão importante", conclui.

Yolanda também não imaginava que um dia se tornasse presidente da casa que ajudou a fundar e neste cargo ficasse por mais de dez anos, entre 1976 e 1987. Antes disso, não bastassem as atividades junto à instituição, liderou o ainda o projeto do qual mais tem orgulho: a Ação Social Planalto.

Mais de 130 meninos engraxates eram assistidos por Yolanda. Sozinha, a baiana fechou um acordo com a Casa Barata, grande estabelecimento comercial da época, para adquirir o material de trabalho dos adolescentes a preços menores. Os pequenos engraxates inscritos no projeto ganhavam uniformes e faziam pelo menos uma refeição diária com Yolanda.

## Raio X

**Nome:** Yolanda Maria da Silveira Monteiro  
**Idade:** 77 anos  
**Profissão:** Assistente Social  
**Ano de chegada a Brasília:** 1960  
**Marido:** Francisco Monteiro de Almeida Filho (falecido)  
**Filhos:** Francisco (falecido), Frederico José, Carlos Eduardo e Dilvania Netos:  
 Frederico, Carla, Gabriela, Natalia, Ana Cristina, Guilherme, Bernardo, Paulo Ricardo, Junior, Bruno e Ana Paula  
**Bisnetas:** Sara e Lara

# PREPARAR, APONTAR...

## **EDUCAÇÃO. ESTA É A PRINCIPAL FERRAMENTA DE UM GOVERNO PARA CONSTRUIR UM FUTURO MELHOR.**

Toda vez que um aluno responde "Presente!" na sala de aula, quem ganha o presente somos todos nós. Educação é o maior patrimônio de uma sociedade. E por aqui estamos fazendo a lição de casa direitinho. Dentre as metas estabelecidas, está a de transformar o Distrito Federal na primeira Unidade da Federação a conseguir zerar as taxas de analfabetismo, que já são as mais baixas do Brasil. Além disso, ampliamos o Renda Minha, que hoje atende 100.000 alunos, e implantamos programas pioneiros, como as classes inclusivas de portadores de necessidades especiais, estimulação precoce e atendimento a superdotados. Em termos proporcionais, somos a Unidade da Federação que mais investe na qualificação dos professores. Também iniciamos investimentos na educação superior com a criação da Faculdade de Medicina e do Renda Universitária. É por isso que, quando se fala em educação, quem mora aqui pode dizer com orgulho para todo o Brasil: Presente!

**SECRETARIA DE  
EDUCAÇÃO**

**GDF**  
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

